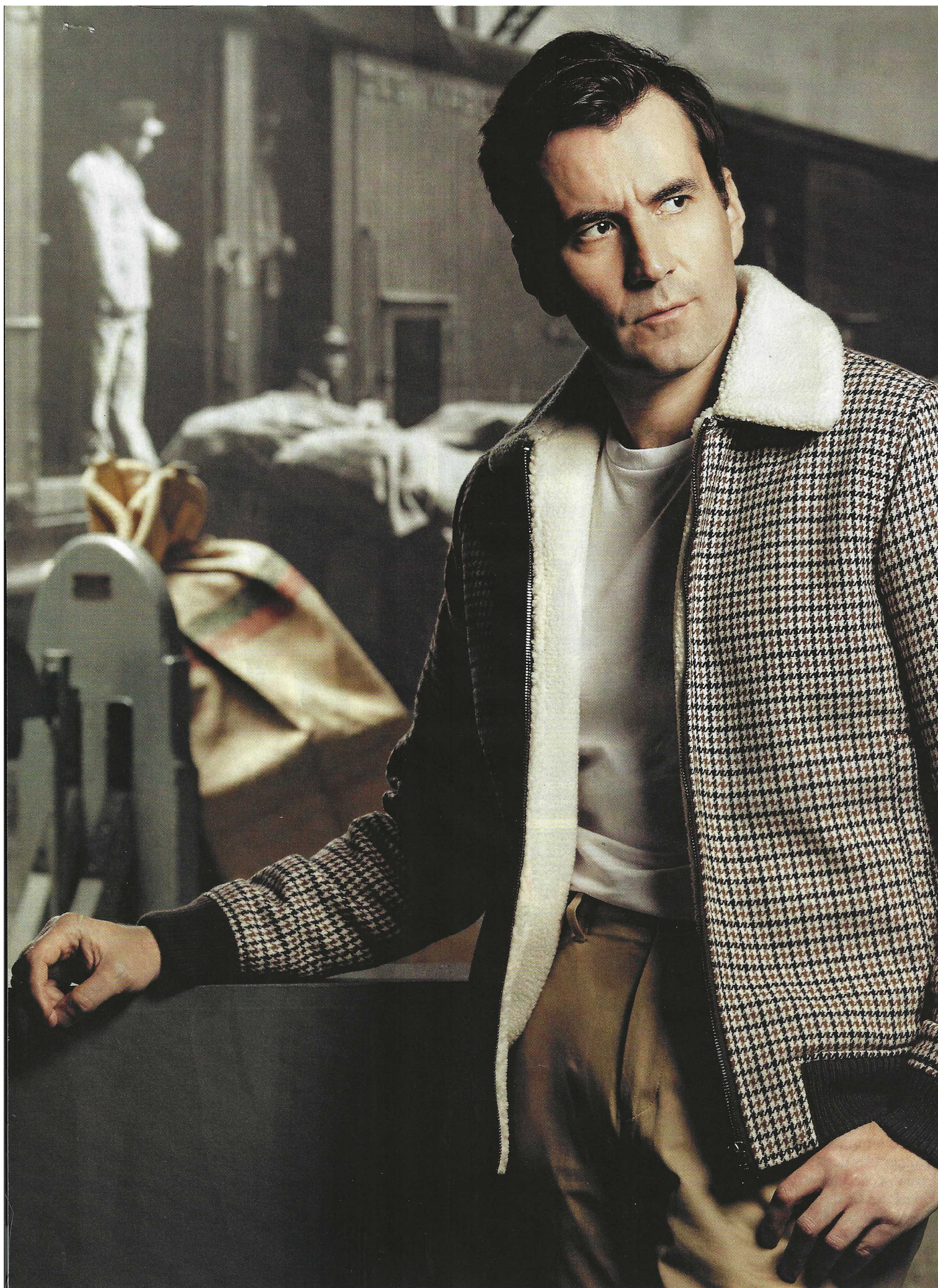






ELMANO SANCHO

“SEMPRE PROCUREI ESTAR EM SITUAÇÕES DE DESCONFORTO”

O ator e encenador terá de esperar para mostrar “Damas da Noite”, agora que o Teatro D. Maria II suspendeu a atividade.

Elmano Sancho, de 38 anos, já chamou casa a vários sítios. A sua paixão pela representação já o levou a ter morada em Madrid, São Paulo, Paris e Nova Iorque, cidades onde pôde “devorar o mundo”, uma expressão que usa para explicar este apelo que sente pelo desconhecido e pelo que é diferente. Não se acomoda, não gosta da rotina e o que conquistou não lhe enche as medidas, mesmo que no seu palmarés se incluam distinções como o prémio Mirpuri Carlos Avilez e nomeações para os Globos de Ouro e para os prémios entregues pela Sociedade Portuguesa de Autores. É movido pela curiosidade e pela vontade de se superar enquanto homem e artista. E foi sem medo de se pôr à prova que começou também a aventurar-se na encenação, em 2014. A exigência que tem consigo e com os outros torna todas as suas imersões artísticas um exercício de inquietação, nunca deixando que o facilitismo se lhe cole à pele.

À espera de poder subir ao palco com a farsa *Damas da Noite*, a qual também escreveu e encena, o ator abriu as portas do seu universo artístico, revelando o que o inspira e o que ainda quer alcançar.

– Para quem já viveu em Valpaços, Paris, São Paulo, Nova Iorque, Madrid, Porto e Lisboa, alguma vez sentiu que pertence a algum lugar?

Elmano Sancho – Na verdade, sinto-me muitas vezes deslocado.

Sinto que pertenço a todos os lugares e, às vezes, que não pertenço a lado algum. Quando estou muito tempo num sítio, começo a sentir necessidade de sair. E esse sentimento tem sido uma constante, seja para fazer formação ou para trabalhar. Faz parte da minha personalidade estar sempre a circular.

– E já percebeu o porquê?

– O que me leva a ser assim é a curiosidade e o gostar de estar num sítio onde não conheço ninguém. Há mais incertezas e riscos e tudo parece mais possível, ao contrário de quando nos instalamos num só lugar. É uma tentativa de lutar contra a rotina. Tenho uma

“Sinto-me muitas vezes deslocado. Sinto que pertenço a todos os lugares e, às vezes, que não pertenço a lado algum.”

necessidade de devorar o mundo, o que leva a superar-me a nível pessoal e artístico. Gosto de ir para fora, muitas vezes para países onde nem do-

mino a língua.

– Mergulhar nesse mundo desconhecido é sempre mais inspirador do que descobrir a beleza daquilo que aparentemente já se conhece?

– O desconhecido provoca-nos e obriga-nos a agir. Sempre procurei estar em situações de desconforto, porque nos ajudam a crescer. Não é fácil estar num país onde não conhecemos ninguém, mas gosto dessa solidão, é outro aspeto que me caracteriza. Sinto que é bom para o meu crescimento criativo. Neste momento estou com vontade de voltar a sair para aprender mais.

– E depois das licenciaturas



“Sempre fui muito bom aluno, mas gostava de sair, ir às discotecas (...).”

Além de ter tirado o curso de Formação de Atores na Escola Superior de Teatro e Cinema, o ator e encenador é ainda licenciado em Economia e em Tradução (Francês, Espanhol e Inglês).



em Economia e em Tradução e do curso de Atores do conservatório ainda quer estudar mais?

– Já pensei várias vezes em avançar para o doutoramento e acabei por dar alguns passos nesse sentido em Bruxelas, mas depois parei. Neste momento apetece-me estar num programa como o que frequentei na Siti Company, em Nova Iorque, em que durante um ano fiz um treino psicofísico muito forte. Éramos 20 artistas a ter uma formação muito intensiva. Nestes grupos encontramos pessoas de todo o mundo, muito diferentes entre si, mas que acabam por partilhar muitas inquietações. Estas bolsas de ar permitem-me perceber



o que quero continuar a fazer, sobretudo agora que também faço encenação. E isso exige que tenhamos tempo para perceber o que se passa à nossa volta. Manter a curiosidade dá muito trabalho.

– E quais são as suas inquietações, as que partilha com os outros e as que vive de forma mais solitária?

– São inquietações que se prendem com a existência humana, essa coisa terrível que é o sabermos que vamos morrer. Não tem a ver com o medo da morte, mas com esta fatalidade que temos nas costas mal nascemos. O trabalho de um ator também se prende com essa tentativa de transcendência, com o acharmos que podemos

até enganar a morte. Acho isto tão bonito, poético e impossível, que abre as portas para algo maior do que nós. Enfim, são questões relacionadas com o existencialismo. É difícil estarmos bem connosco e com os outros. O homem tem sido a temática de tudo o que tenho desenvolvido como encenador.

– Sempre teve essa necessidade de expressar as suas inquietações artisticamente? Ou o homem das artes só surgiu depois de ter feito Economia?

– Com 12 anos já tinha interesse pelas artes do espetáculo, via imensos filmes que passavam na televisão e o meu irmão também

me ajudou nessa descoberta de novos realizadores e autores. Contudo, achava que aos 18 anos era muito novo para iniciar uma carreira

artística. E nem sequer tive qualquer pressão familiar para seguir Economia! Fui mesmo eu que fiz essa escolha. [Risos.] Fiz os cinco anos do curso e depois segui para o conservatório. Sempre fui muito

“O trabalho de um ator prende-se com a tentativa de transcendência, com o acharmos que podemos até enganar a morte.”

bom aluno, mas gostava de sair, ir às discotecas, jogar matraquilhos... Era um bocadinho rebelde e acabava por ter a aceitação de todas as pessoas, porque não era visto somente como o marrão. Lembro-me de que quase chumbei por faltas no 9.º ano. Mas tive cinco a tudo! Nunca fui inconsciente. Foi um ano maravilhoso. [Risos.]

– Assim sendo, esse ar sério acaba de cair por terra...

– Mas sempre fui muito maduro para a minha idade. Até gostava de ter sido um adolescente um bocadinho mais inconsciente, nunca pisei o risco e sempre soube até onde podia ir. E a prova disso é que não desisti de Economia. Estar cinco anos



na Faculdade de Economia da Universidade do Porto foi duro, tinha de estudar muito. E nessa altura já estava no teatro universitário, também era guia turístico nas caves de vinho, porque não conseguia ficar só na faculdade. Essa experiência foi boa, porque quando entrei no conservatório sabia mesmo que era isso que queria e foi maravilhoso perceber como podia trabalhar o meu corpo e a minha voz. Foi entrar num mundo que me deslumbrava há muito tempo.

– O seu talento deu nas vistas mal começou a pisar os palcos, e prova disso são as bolsas de

estudo que ganhou, o reconhecimento dos seus pares e as várias nomeações para prémios. Sente o peso de quem não quer desiludir os outros? Ou quando se faz aquilo de que se gosta tudo é leve?

– Não, nada é leve, e fazer algo que é realmente impactante é doloroso. Sou muito exigente, porque ao longo da minha formação também foram bastante exigentes comigo. Em Madrid, torci os pés

em dança e disseram-me que tinha de continuar, porque se não chumbava. Em Nova Iorque também me disseram que tinha sido

escolhido e tinha de estar ao mais alto nível. Temos de trabalhar muito para sermos bem-sucedidos. Não quero chegar ao final de

um projeto e pensar que alguma coisa falhou por não me ter empenhado ou trabalhado o suficiente. Não sou nada condescendente comigo próprio.

“Gostava de ter sido um adolescente um bocadinho mais inconsciente, nunca pisei o risco.”

– E o que é que a encenação lhe trouxe?

– A encenação dá-me a possibilidade de pensar num espetáculo no seu todo. Quando faço um espetáculo como ator, só penso na minha interpretação. Como encenador, tenho de pensar em tudo, desde os cenários ao desenho da luz, mesmo tendo pessoas que me ajudam nisso. É muito absorvente, por isso é que só tenho encenado um espetáculo por ano. E foi o **Jorge Silva Melo** quem me desafiou a ser encenador. Comecei com o *Misterman*, que era só eu e o risco era menor.



– Quando se tem o trabalho como prioridade, é fácil ter vida fora dos palcos?

– Sim, gosto muito de estar com a minha família e com os meus amigos. Quando tenho pouco tempo, a prioridade é sempre estar com a minha família. A vida não pode ser só trabalho! ●

TEXTO: MARTA MESQUITA
FOTOS: PAULO MIGUEL MARTINS
PRODUÇÃO: VANESSA MARQUES

Agradecemos a colaboração de
Fundação Portuguesa das
Comunicações – Museu das
Comunicações, Aldo, Antony Morato,
Fred Perry, Mango e Pepe Jeans

